

Dr. Jeffrey Niehaus, Teologia Bíblica, Sessão 1, Aliança Adâmica, Parte 1

© 2024 Jeffrey Niehaus e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Jeffrey Niehaus em seu ensinamento sobre Teologia Bíblica. Esta é a sessão 1, Aliança Adâmica, Parte 1.

Olá, sou Jeff Niehaus. Eu ensino Antigo Testamento e Teologia Bíblica no Seminário Gordon-Conwell, e estou aqui hoje para falar com vocês sobre as alianças bíblicas. O que faremos é passar por cada aliança, falar sobre suas qualidades e natureza essenciais, e como ela se encaixa no padrão geral do que o Senhor está fazendo com os seres humanos através da história antes e depois da queda. Gostaria de começar colocando diante de vocês isto: bem, não sei como isso vai aparecer aqui, mas aqui está.

Isso é grande o suficiente, você acha? Esta é uma página do final dos Prolegômenos da minha Teologia Bíblica, o primeiro volume dela, e ela expõe diferentes esquemas de aliança que foram propostos, vários deles bem recentemente. Então, a coisa clássica que é chamada de teologia da aliança, as pessoas usam esse termo muito vagamente, mas a teologia da aliança classicamente entendida é algo que se originou no século XVII e talvez a articulação mais conhecida dela seja a Confissão de Westminster. Mas a ideia é que você tinha uma aliança adâmica, que era uma aliança de obras, e a ideia ali é que porque todas as alianças envolvem obras afinal, e você vê que a próxima categoria é a aliança da graça, bem, todas as alianças são graciosas porque a ideia de graça é que é um presente e não haveria aliança divino-humana a menos que o Senhor a desse.

Então, por que uma aliança de obras? Por que uma aliança de graça? O pensamento é, de acordo com esse modelo, que antes da queda, Adão e sua esposa poderiam ter feito a obra; eles poderiam ter feito tudo o que fosse necessário para cumprir a aliança, e por isso é chamado de aliança de obras. Depois da queda, é impossível para qualquer ser humano cumprir completamente qualquer um dos requisitos da aliança de Deus, e então tudo isso tem que ser considerado. Então, essas alianças podem existir e continuar por causa da graça. E todas as alianças bíblicas depois da aliança adâmica são agrupadas e chamadas de aliança de graça.

Agora, há alguns problemas com o uso da terminologia. Um é que no mundo antigo, ninguém teria juntado um monte de alianças relacionadas e ainda assim diferentes e as chamado de uma aliança, então não é um uso do termo aliança que seja consistente com a maneira como a palavra era usada; o conceito era usado no antigo Oriente Próximo. O outro problema com isso é que a aliança noaica é uma aliança de graça comum, e é, de fato, uma renovação da aliança adâmica, e ainda assim o

esquema da aliança da graça a agrupa com a abraâmica através da nova, que são todas alianças de graça especiais.

Então, graça comum significa que é uma aliança que é dada a todos no mundo, e isso é verdade para o Adâmico e o Noaico. Esses são contínuos. Todos nascem sob eles. De acordo com a aliança Adâmica, por exemplo, e o Noaico, estamos todos sendo frutíferos e nos multiplicando, e a maioria de nós está.

Estamos enchendo a Terra, estamos subjugando-a, estamos morrendo, o que foi um dos problemas que surgiram da desobediência à aliança adâmica, e assim por diante. Enquanto a aliança abraâmica começa quando o planeta faz uma aliança especial com ele, e isso tem a ver com a salvação. As alianças adâmica e noaica não têm nada a ver com a salvação, e elas apenas mantêm o planeta funcionando.

Para que o programa especial de graça de Deus de salvação possa acontecer e continuar naquele planeta. Então, o Abraâmico é o começo disso, e a nova aliança é sua culminância. Mas esse esquema clássico do século XVII obscurece tudo isso.

E tem que ser entendido, com toda caridade e honestidade, que no século XVII, as pessoas não sabiam o que eram os antigos pactos ou tratados do Oriente Próximo. Então, essa era a melhor maneira de articular e reconstruir o programa que Deus tem, e dado o que eles sabiam, não é uma tentativa ruim. Mas podemos fazer melhor porque sabemos mais.

Um esquema que foi proposto mais recentemente foi por John Walton em seu livro *The Covenant*. Walton corretamente percebe e exhibe que a aliança noaica é diferente da abraâmica através do novo porque é uma aliança de graça comum, enquanto as outras são de graça especial. No entanto, ele faz a mesma coisa que os teólogos clássicos da aliança no século XVII fizeram ao usar o termo aliança para abraçar uma série de alianças diferentes, embora relacionadas.

E então, ele pega todas as alianças especiais de graça e as chama de aliança. Você notará também, o que eu acho que não é um bom uso da terminologia porque, novamente, não está usando o termo aliança da maneira como uma pessoa do antigo Oriente Próximo ou uma pessoa bíblica o teria entendido. E queremos entender a Bíblia como eles a entenderam.

Você notará em sua reconstrução que não há aliança adâmica. Então, ele é um de uma minoria de estudiosos que pensa que nunca houve uma aliança adâmica. E falaremos muito mais sobre isso em breve.

Outra maneira de olhar para tudo isso foi proposta por William D'Umbrell, e Scott Haefemann também adotou essa visão, de que todos os convênios constituem um relacionamento de convênio, ou mesmo você pode dizer um convênio. E, de fato, se

você tem um relacionamento de convênio, você tem um convênio. Não há nenhuma diferença real aí.

Isso, é claro, confunde todas as distinções sobre as quais falamos. E, além disso, tem seus próprios problemas. Vou apenas dar uma dica de um agora, mas vamos olhar para ele novamente mais tarde.

Se dissermos que todas essas alianças incorporam um relacionamento de aliança, bem, vamos considerar o relacionamento que uma pessoa tinha com o Senhor sob a aliança Mosaica. Ele tinha todas essas regras para obedecer. Se ele pecasse, ele tinha que trazer um animal e matá-lo no templo, e assim por diante.

Bem, como diz Hebreus, o sangue de touros e bodes não pode tirar o pecado. Essas coisas eram apenas tipológicas. E além disso, não há templo, não há sacerdócio agora para trazer um sacrifício.

E de fato, Cristo é nosso sacrifício, o completamente suficiente. Então, não temos que fazer nada disso. Além disso, temos o Espírito Santo em nós, como eles não tinham sob a aliança, e falaremos sobre isso.

Então, o relacionamento que temos com Deus sob a nova aliança é bem diferente, estrutural e dinamicamente, do relacionamento que uma pessoa sob a aliança Mosaica tinha, por exemplo. Então, não faz muito sentido falar sobre um relacionamento de aliança. Então, o que propomos aqui? Proponho algo aqui que acho que é verdadeiro para a maneira como o conceito de aliança era usado no antigo Oriente Próximo e na Bíblia.

A aliança adâmica, cuja existência argumentaremos, e a aliança noaica juntas constituem, ambas são alianças de graça comum. Já que a noaica renovou a adâmica, uma boa maneira de juntar tudo isso seria formar um pacote legal. O que isso significa? Significa que todos no mundo hoje estão vivendo sob ambas as alianças, quer pensem que há um Deus ou não.

Um bom exemplo disso mais tarde na Bíblia é a aliança Mosaica, de fato. O Senhor faz uma aliança com Israel no Sinai. Ele renova essa aliança com a próxima geração em Deuteronômio nas planícies de Moabe.

Então, a aliança, a aliança Mosaica, a aliança do Sinai e sua renovação, a aliança de Moabe, vamos chamá-la de Deuteronômio, juntas formam um pacote legal. Então, se você perguntar a qualquer crente judeu hoje, bem, essa é uma pessoa que pensa que está sob a aliança Mosaica e não acredita que Jesus é Cristo. Se você perguntar a ele, bem, você está sob a aliança do Sinai ou a aliança de Moabe? Ele pensará, bem, você sabe, do que você está falando? É uma aliança.

E, de fato, o Novo Testamento se refere a esses juntos como o nomos, a lei. Então esse é um bom exemplo, e acho que pode ajudar a iluminar o que está acontecendo com a aliança adâmica e noaica. Devo acrescentar que, no antigo Oriente Próximo, muito disso se relaciona com a forma do tratado hitita, é claro, e suas práticas.

Quando o imperador hitita renovou uma aliança, um tratado, com o filho de um rei que tinha sido seu vassalo, então o filho é o novo vassalo, ambos juntos, o tratado que o suserano, o imperador, o rei hitita tinha com o rei vassalo, e o tratado que ele é agora, ele está renovando isso com o filho do rei morto, juntos esses dois tratados formam um pacote legal. E a maneira como os hititas expressaram isso foi o acordo que seu pai tinha comigo, você agora tem comigo. Então esse é apenas um esboço de tudo isso.

E então, sobre as alianças especiais de graça? Bem, elas são muito inter-relacionadas, e ainda assim cada uma é diferente. Falamos sobre as diferenças entre a Aliança Mosaica e a Nova Aliança, por exemplo. Há quatro alianças especiais de graça ou revelação, e aí estão elas.

E a aliança abraâmica, como as pessoas entenderam, e como veremos e falaremos sobre, incorpora prenúncios ou promessas, antecipações do Mosaico, do Davídico e do Novo. E argumentaremos, no entanto, que as alianças abraâmica, do Mosaico e do Davídico não funcionam mais como alianças porque todas foram assumidas e cumpridas na Nova Aliança por meio de Cristo. Então, pode-se dizer que, em certo sentido, elas continuam vivas na Nova Aliança, mas nenhuma delas funciona mais.

A aliança abraâmica, o sinal para isso é a circuncisão, e não devemos mais ser circuncidados como um sinal da aliança. Então, se o sinal que é necessário para a entrada na aliança abraâmica foi revogado, então a aliança não pode mais funcionar. Sabemos que a aliança mosaica não funciona mais como uma aliança.

Hebreus diz que está passando. Não foi suficiente. Colossenses 2 diz que Cristo pregou na cruz.

Ele cancelou. E a aliança davídica, é claro, foi cumprida em Cristo. Ele é agora o Rei dos Reis, e não haverá outro rei sobre Israel, nem mesmo o verdadeiro Israel, o Israel de Deus, que é a igreja.

Então, esse é um esboço. É uma antecipação de onde estamos indo com isso. E começaremos então olhando para o pacto adâmico ou da criação.

Certo, e isso vai recapitular brevemente, mas você pode ter as próprias palavras diante de você, algumas das ideias que usamos, faladas de forma introdutória. Da Confissão de Westminster, a primeira aliança feita com o homem foi uma aliança de obras em que a vida foi prometida a Adão e nele à sua posteridade sob condição de

obediência perfeita e pessoal. E então o homem, por sua queda, tendo se tornado incapaz de viver por essa aliança, o Senhor se agradou de fazer uma segunda, comumente chamada de aliança da graça, na qual ele oferece livremente aos pecadores a vida e a salvação por Jesus Cristo, exigindo deles fé nele, e assim por diante.

Muitas coisas verdadeiras ali, é claro. O problema, como indicamos, são as caracterizações, o pacto das obras e o pacto da graça, que não são fiéis à maneira como o termo pacto era usado no mundo antigo ou na Bíblia, sem dúvida. Então, o livro de John Walton.

Se dependermos do texto bíblico para identificar tais alianças, isto é, as alianças divino-humanas para nós, encontramos a primeira aliança no tempo de Noé. Agora, como aparecerá em um momento nas notas, há um problema aqui, que os estudiosos às vezes cometem, se assim posso dizer. E é que eles acham que se o termo não está lá, a coisa não está lá.

E esse simplesmente não é um ponto de vista sustentável. Mas é isso. Ele diz que a aliança adâmica não é chamada de aliança, o que é bem verdade.

Portanto, não há aliança ali. Então, o próximo ponto é que, embora a aliança com Noé represente claramente um acordo entre Deus e o homem, porque de fato é chamada de aliança nas narrativas de Noé, ela não deve ser incluída no programa de revelação especial de Deus. E como dissemos, isso é, concordamos bastante com isso.

É uma coisa de graça comum, não uma coisa de graça especial. Anthony Herkimer, similarmente, em seu livro sobre a imagem de Deus, que é um livro muito bom, observa que, bem, no que diz respeito a uma aliança adâmica, a Bíblia não chama esse arranjo de aliança. Mas então alguém dirá, bem, e Oséias 6-7? Como Adão, eles quebraram a aliança.

É ambíguo, de fato, porque, afinal, em hebraico, o termo Adão pode simplesmente significar humanidade. Se significa humanidade, então poderia se referir à aliança de Noé. E, de fato, isso parece ser indicado em Isaías 24, como veremos.

Mas, novamente, o fato de o termo não ser usado não significa que a coisa não exista. A Bíblia não chama Deus de qualquer um. E, no entanto, Deus é um Deus trino.

Eu acrescentaria que a Bíblia não chama Noé de profeta, mas parece bem claro por tudo o que ele faz, o fato de que ele ouve de Deus e transmite seus comandos e media uma aliança, que ele é um profeta. Então, outro ponto aqui, de acordo com Herkimer, é que não há nenhuma indicação nesses primeiros capítulos de Gênesis de

um juramento de aliança ou cerimônia de ratificação. O mesmo é verdade para a aliança de Noé, que ainda é chamada de aliança.

Herkimer reconhece isso e diz, bem, já que a Bíblia claramente chama essa concessão da graça divina, isto é, a aliança noaica, de aliança, também devemos reconhecê-la como tal, embora não haja registro de juramento ou ratificação de aliança. Como veremos, há razões, eu acho, pelas quais não há ratificação de aliança nas alianças de graça comum, mas esses são os principais pontos de Herkimer contra uma aliança adâmica. Bem, notaríamos então que se a aliança noaica pode ser chamada de uma sem juramento ou ratificação, a aliança adâmica pode ser uma aliança sem eles também.

Bem, que evidência há então para uma aliança adâmica? Isso é algo que eu propus a Deus pela primeira vez no Sinai, e eu acho que tem algum mérito, mas precisa ser entendido. O Segundo Milênio a.C. A forma do tratado é algo que foi produzido pelos hititas. Foi usado por Moisés na articulação das alianças divino-humanas, e até mesmo aparece em seus fundamentos na aliança davídica, que é muito posterior a Moisés.

O hitita do Primeiro Milênio a.C., ou melhor, a forma de tratado, devo observar, é diferente. Falta um prólogo histórico. Faltam bênçãos, e o poder reinante então, o grande império então, era o império assírio, e mais de um estudioso notou que os assírios, que poderíamos comparar aos nazistas da história recente, que governavam com brutalidade absoluta, reconquistariam vassalos rebeldes, esfolariam-nos vivos, pendurariam suas peles nas muralhas da cidade, cegariam-nos, cortariam suas mãos, e assim por diante, eles não sentiam a necessidade de prometer nenhuma bênção a ninguém que obedecesse seus tratados, e não forneceram um prólogo histórico.

O prólogo histórico e as bênçãos são fatores motivacionais. O prólogo histórico visa mostrar as coisas boas que o suserano fez para o vassalo, e então o vassalo deve obedecer ao tratado. As bênçãos são as coisas boas que os deuses farão para o vassalo se o vassalo for obediente, e então, novamente, o vassalo deve obedecer ao tratado.

O pensamento é que no Primeiro Milênio com os assírios, eles não sentiram a necessidade de prometer tais coisas. Eles foram motivados pelo medo, não por promessas ou tentando lembrar a alguém o quão bons eles tinham sido para eles. Então, em qualquer caso, as alianças bíblicas divino-humanas no Antigo Testamento são todas paralelas e têm os elementos essenciais do formato do Tratado do Segundo Milênio que estava em uso.

Apenas incidentalmente, Moisés, tendo sido criado como um príncipe do Egito, teria recebido uma educação diplomática. Ele teria tido plena consciência dessa forma. Os hititas e os egípcios tinham tratados juntos durante esse período.

Então, o que encontramos quando olhamos para Gênesis 1.1 a 2.3? Descobrimos que ele tem os elementos essenciais de um Tratado do Segundo Milênio. Ele tem um título. O título nos tratados introduziria o suserano ou o imperador, o grande rei, como o termo era.

E então, o que lemos em Gênesis 1.1? Lemos que no princípio, Deus criou os céus e a terra. Bem, isso pode não soar como uma reivindicação de realeza, mas no mundo antigo, era universalmente compreendido que se um deus fosse um deus criador, ele era o rei sobre tudo, e toda autoridade vinha dele. Então, uma pessoa nos dias de Moisés ou depois que lesse Gênesis 1.1 teria entendido que a reivindicação está sendo feita de que este Elohim, Deus, é o criador.

Ele não é apenas o criador, mas ele é o rei de tudo. Ele é o suserano. Ele é o imperador.

O prólogo histórico é apresentado nos tratados como as palavras do grande rei. E então, o que dizer disso? Bem, o ponto aqui é que o tratado para os hititas iria estruturar a vida do vassalo. O tratado deu todos os termos sob os quais o vassalo teria que viver e os termos que o vassalo teria que obedecer.

Aqui, você tem a criação do mundo pelo Senhor, por suas palavras. E então, o Senhor, como o grande rei, está literalmente estruturando a realidade na qual o vassalo, o homem e a mulher estarão vivendo. E então há esse paralelo.

Há estipulações nos antigos tratados do Oriente Próximo, coisas que o vassalo tinha que fazer, e você tem essas em Gênesis 1.28. Houve uma deposição. Houve uma leitura regular nos tratados. O ponto ali era que cada rei teria uma cópia do tratado.

Cada rei depositaria sua cópia no templo de seus deuses. Claro, estamos falando de culturas politeístas aqui. E haveria leituras regulares para que nenhum rei inadvertidamente quebrasse o tratado.

Claro, temos isso com o Decálogo. Ele é depositado no tabernáculo. E em Deuteronômio, quando a aliança é renovada, em Deuteronômio 17, somos informados de que qualquer futuro rei deve fazer uma cópia disto para que ele possa lê-lo e não quebrar a aliança inadvertidamente.

Então, muitos paralelos aí. Essas coisas não existem aqui porque Deus não deu a Adão e sua esposa um tratado escrito. E isso é algo importante para entender sobre essa narrativa e todas as outras narrativas bíblicas da aliança também.

Nunca tivemos um documento de tratado do Senhor. A coisa mais próxima disso é Deuteronômio. Mas o que temos é uma sucessão de narrativas bíblicas que incorporam e articulam as alianças que o Senhor fez.

É isso que Gênesis 1 :1 a 2:3 é. É uma passagem narrativa que articula a estruturação da aliança de Deus do cosmos e a colocação do homem e da mulher nele. E é assim que essas coisas são apresentadas.

E assim, mas foi entendido, é claro, que essas narrativas consagram as alianças, por assim dizer. 2 Samuel 7, por exemplo, nos dá a aliança davídica. A palavra aliança nunca é usada ali.

E ainda assim é entendido como a articulação da aliança que o Senhor então faz com Davi. E nós vamos olhar para isso. Bem, essas alianças também tiveram testemunhas.

No tratado, a ideia era que se o tratado fosse quebrado pelo vassalo, os deuses trariam punição ao quebrador da aliança, o quebrador do tratado. Em Gênesis 1, 31, sem dúvida, temos Deus como testemunha do que ele fez. Ele vê tudo e diz que é muito bom.

Então, ele é a testemunha de tudo isso. Há bênçãos, como indicamos. Ele abençoa o homem e a mulher, e dá a eles essas estipulações.

Ele abençoa o sétimo dia, Gênesis 2:3. Há também o elemento de maldição em Gênesis 2.17b, onde Adão é informado de que não coma o fruto desta árvore. Falaremos sobre o relacionamento entre Gênesis 1 e Gênesis 2, mas apenas para deixar isso claro agora de uma forma breve, Gênesis 1 lhe dá a visão geral. Gênesis 2 amplia o relacionamento entre Deus e o homem e a mulher.

Então, em certo sentido, Gênesis 2 dá um zoom em Gênesis 1.27, quando você lê que Deus fez o homem e a mulher, sem dúvida, à sua imagem. E então, isso não é incomum com narrativas antigas do Oriente Próximo. Você obtém um relato geral e, então, dá um zoom em alguns aspectos dele.

Tudo isso é para dizer que o que você lê em Gênesis 2 é pertinente a Gênesis 1. É uma exploração narrativa ou explicação adicional da natureza do relacionamento no que estamos chamando de aliança adâmica. Então, quando você lê um comando e uma injunção em Gênesis 2:17 ou uma permissão e uma injunção que você fez de qualquer uma das árvores do jardim, mas não desta árvore, isso é entendido como algo que faz parte do acordo. Isso é parte do relacionamento de Deus com Adão nesta coisa, que não é chamada de aliança no material em Gênesis 1 ou 2 ou nunca, mas espero que a exibição mostre que tem todos os elementos, ou os elementos-chave, que você encontraria em um antigo tratado do Oriente Próximo.

Então, eu acho que se alguém vai ser imparcial aqui, tem que estar disposto a concordar que esses elementos nessa narrativa articulam um relacionamento de aliança. O que mais tarde seria chamado de relacionamento de aliança? Agora, se alguém quiser parar antes de chamá-lo de aliança, pode fazer isso.

Não sei por que alguém faria isso, porque tem todas as entranhas de um pacto. Tem todos os elementos. Vou fazer outro ponto aqui, e é daí que isso vem. E eu argumentei isso no volume um.

É comumente pensado que todas essas alianças divino-humanas têm os elementos de um tratado hitita, então esses escritores bíblicos escolheram empregar uma forma que seria entendida como uma forma legal. Acho que talvez haja uma maneira melhor de olhar para o Gênesis de tudo isso, e não há trocadilhos, e é que todas as alianças divino-humanas articulam algo da natureza de Deus. Gênesis 1:1 a 2:3, o relato da criação, nos conta coisas sobre a natureza de Deus.

Ele é um grande rei. Ele fornece coisas boas para seu povo. Ele os abençoa.

Ele tem exigências deles, e assim por diante, e ele é uma testemunha de sua própria fidelidade e bondade. Mais tarde, em Apocalipse 1: 5, Jesus é chamado de testemunha fiel. Ele é uma testemunha fiel da natureza e bondade de seu pai.

Então, todas essas alianças articulam a natureza de Deus. Gênesis 1:1 a 2:3 nos mostra isso. Na plenitude dos tempos, os hititas, desenvolvendo um império feito à imagem de Deus, desenvolveram uma forma que articulava algo assim, e por que seria isso? O relacionamento de Deus com qualquer pessoa ou coisa que ele criou é inevitavelmente um relacionamento de poder, e então os hititas sendo feitos à sua imagem, não o conhecendo, mas tendo um império e criando relacionamentos de poder com vassalos, surgiram com uma forma legal que articulava esse relacionamento de poder e tendo os elementos sobre os quais acabamos de falar.

Isso é verdade hoje em dia em todo o mundo. Se você tem um emprego, você tem um chefe. O chefe é seu suserano.

O chefe lhe fornece coisas boas, coisas que você precisa para seu local de trabalho, um cubículo, um computador, um carro, seja lá o que for. Ele ou ela tem certos requisitos, que são coisas que você tem que fazer no trabalho. Se você os fizer, você é abençoado.

Você consegue manter seu emprego. Você ganha um aumento de salário. Você ganha um aumento de posição.

Se você não fizer o que o acordo exigiu, você é amaldiçoado. Você recebe um corte de salário. Você é rebaixado.

Você é demitido. E há testemunhas disso. Há um contrato.

Então, Gênesis 1:1 a 2:3 e todas essas alianças divinas articulam uma relação de poder entre Deus e aqueles que são partes da aliança. E novamente, os hititas, feitos à imagem de Deus, produziram uma forma que mostra esse tipo de relacionamento muito bem. E assim aparece na Bíblia também.

E quanto a outras evidências para uma aliança adâmica? Bem, temos a aliança noaica. Em Gênesis 6, o Senhor diz: Eu estabalecerei minha aliança com vocês , e vocês entrarão na arca e assim por diante. O verbo aqui e as expressões idiomáticas da aliança são usadas para a aliança noaica.

Os mesmos são usados em Gênesis 17, e falaremos em um minuto sobre o porquê disso. Os termos em hebraico são Nathan berit e Hakim Berit. E eles significam literalmente dar uma aliança e fazer com que a aliança permaneça.

Os dicionários dirão a você, entre várias definições ou explicações desses verbos, que esses verbos idiomáticos podem significar o primeiro, Nathan, dar, e o próximo, fazer ficar de pé. Mas um entendimento desses verbos é colocar em prática. E esse é o argumento, esse é o entendimento que eu defenderia aqui nessas passagens.

Então, o conceito abre a porta para essa ideia de que há uma aliança que existe, e o Senhor agora vai colocá-la em prática. Isso é especialmente relevante em Gênesis 17, como veremos, porque algumas pessoas argumentam que Gênesis 17 é uma aliança diferente de Gênesis 15. Mas a melhor maneira de ver isso, eu acredito, é que em Gênesis 15, o Senhor faz a aliança.

Ele corta a aliança como o idioma hebraico em Gênesis 15:18. E então em Gênesis 17, ele a coloca em prática. Isso não é tão estranho quanto pode parecer à primeira vista.

Você pode assinar um contrato para vender sua casa. Mas pode levar algumas semanas até que isso realmente entre em vigor antes que a pessoa que comprou a casa se mude para ela, e você saia completamente dela. Então, não é um conceito estranho.

Por que é usado, por que esses termos são usados na aliança de Noé? E quais são as implicações? Bem, as implicações, não vou ler cada pedaço das minhas anotações aqui, e aqui estão traduções ligeiramente diferentes desses verbos, que também usei, mas que praticamente realizam a mesma coisa, realizar aliança ou colocar em prática, dar, colocar em prática, continuar dando. Por que esses termos são usados na aliança de Noé? Dumbrel notou em seu livro que referenciamos o uso desses

verbos, o que sugere que há uma aliança preexistente, que eles estão reafirmando. E acho que isso está muito próximo da verdade.

Isso é parte do quadro. Então, em outras palavras, o uso desses verbos nos materiais noaicos indica que o Senhor não está exatamente fazendo uma aliança completamente nova. Ele está renovando uma aliança que já existe.

Eu acho que há outra razão, no entanto, para usar esses termos. O termo que é geralmente usado no Antigo Testamento para fazer uma aliança é *qarat berit*, ou cortar uma aliança. E a cerimônia que lemos em Gênesis 15, onde o Senhor faz Abraão cortar animais ao meio e então ele passa entre os pedaços, mostra muito claramente o significado dessa expressão idiomática.

Bem, esse tipo de corte e esse tipo de passagem, o que aconteceria lá no mundo antigo era que o suserano faria um tratado com o vassalo. Os animais seriam cortados e separados, assim como você lê em Gênesis 15. E então o vassalo andaria entre os pedaços.

E o simbolismo é, bem, se eu, o vassalo, quebrar o tratado, então que o mesmo destino que aconteceu com esses animais me aconteça. E, de fato, Jeremias 34 registra exatamente isso. Bem, nessas alianças de graça comum, não há tal maldição.

Ou seja, as alianças especiais da graça. Se você for suficientemente desobediente, você pode ser cortado delas. A aliança Mosaica é talvez o exemplo mais claro disso, mas falaremos mais sobre isso. Você não pode ser cortado das alianças comuns da graça, sem dúvida.

Você vai morrer, todos nós morremos, mas você pode ser uma pessoa muito má e quebrar todos os tipos de padrões pelos quais o Senhor quer que você viva, e ainda assim continuar vivendo até uma idade avançada. Então, um idioma diferente era necessário, sem dúvida, em Gênesis 9, onde o Senhor finalmente faz isso, ou coloca em prática, ou reafirma, ou renova esta aliança. E então essas expressões idiomáticas são usadas para que a ideia seja claramente transmitida de que há uma aliança acontecendo aqui, mas não é uma da qual alguém pode ser cortado.

Bem, e quanto à evidência dos profetas para uma aliança adâmica? Nós mencionamos Oséias 6:7, e a ambiguidade disso. Mas também em Jeremias, Jeremias fala dos decretos do Senhor que regulam o brilho do sol, da lua e das estrelas. Esse termo decreto é um termo técnico, *terminus technicus* aqui, porque se você não usa um pouco de latim e alemão às vezes, as pessoas não acham que você é realmente um especialista.

Então, você tem que jogar esses termos de vez em quando. Então, esses são termos que são usados no reino da aliança, e sabemos disso pela aliança Mosaica. E então

em Jeremias 33, muito explicitamente, o Senhor está falando, incidentalmente, nessas passagens de Jeremias sobre sua fidelidade à aliança davídica.

Então, ele está dizendo que se você puder quebrar minha aliança com o dia e minha aliança com a noite para que o dia e a noite não venham em seu tempo determinado, então eu não serei fiel a Davi. E da mesma forma, no versículo 25, assim diz, Yahweh, se eu não estabeleci minha aliança com o dia e a noite e com as ordenanças do céu e da terra. Essas declarações e as frases que eles usam, dia e noite, céu e terra, brilho do sol, lua e estrelas, e assim por diante, certamente parecem apontar de volta para Gênesis 1 com terminologia de aliança neste caso.

Então, já dissemos antes que a aliança adâmica não é chamada de aliança na Bíblia. E se vamos ser rigorosos sobre isso, o que deveríamos ser, isso é verdade. No entanto, essas declarações de Jeremias são altamente sugestivas de que a ordem criada era pactual em sua natureza.

Bem, e quanto às evidências do Novo Testamento? Bem, há Jesus como o segundo Adão, é claro. E Jesus é o mediador da nova aliança. E então, se ele é o segundo Adão, e ele é um profeta, ele ouve de seu pai, e ele faz o que seu pai diz para fazer, estes têm paralelos óbvios com Adão.

Ele certamente ouviu de Deus. Ele fez por um tempo, presumivelmente o que Deus lhe disse para fazer. Deus era seu pai.

A genealogia de Lucas vai para trás e se refere a Adão como o primeiro filho de Deus. Então, se Adão é paralelo a Jesus nessas várias maneiras, faria sentido que ele também fosse paralelo a Jesus como um mediador da aliança. Há também, e deixe-me fazer um comentário sobre isso também, como veremos.

Há, eu acho, maneiras de entender as categorias de profetas na Bíblia. Há duas grandes categorias, certamente no Antigo Testamento e com Jesus e o novo. Há uma categoria que deveria ser chamada de profetas mediadores da aliança.

Esses são profetas por meio dos quais Deus media uma aliança com um grupo maior de pessoas. E então, sem dúvida, aqui, Adão é o primeiro, Noé é o próximo, e Abrão vem depois disso, e então Moisés e Davi, e então, é claro, no Novo Testamento, Jesus como o mediador da nova e final aliança divino-humana. Outros profetas sobre os quais lemos no Antigo Testamento poderiam muito bem ser categorizados como mensageiros de ações judiciais da aliança.

E estes realmente aparecem sob a aliança Mosaica porque é a primeira vez que o povo de Deus tem uma lei que é expressa e que eles têm que obedecer. E quando eles não obedecem, os profetas, o Senhor, levantam profetas para trazer processos contra eles como infratores da lei. Eu acho que isso pode até acontecer na igreja às

vezes, embora, como Paulo diz em 1 Coríntios 14, a pessoa que profetiza edifica a igreja.

Então, provavelmente, geralmente na igreja, a profecia é para encorajamento, talvez instrução. Mas, novamente, a repreensão pode ser edificante também. Então, acho que há espaço para isso.

De qualquer forma, acho que essas categorias nos serviriam bem quando pensamos sobre os profetas na Bíblia e como eles funcionam. Mas voltando à evidência de uma aliança adâmica. Bem, se olharmos para Jesus como o segundo Adão, também olhamos para os resultados de sua obra.

Isso vai acontecer em uma nova humanidade. E aqueles que receberam o espírito já têm um antegozo do que isso significa, pois estamos sendo feitos novas criaturas em Cristo ; como Paulo diz em 2 Coríntios 5, quem está em Cristo é uma nova criatura, uma nova criação. Mas também antecipamos um novo céu e uma nova terra.

Então, se você tem a nova humanidade e o novo céu e terra sendo produzidos através da nova aliança, através da mediação do segundo Adão, isso argumentaria que o primeiro Adão também é um mediador de uma aliança. Tudo bem, e quanto à antropologia da aliança? O que Gênesis 1 nos diz sobre a natureza humana? Bem, Gênesis 1.26 diz, façamos o humano à nossa imagem, à nossa semelhança. Esses termos, imagem e semelhança, você sabe, nós reconhecemos que o Senhor deu esse material através de Moisés para comunicar às pessoas para que elas pudessem entendê-lo.

Bem, esses termos, tselem e demuth em hebraico, ambos, significam praticamente a mesma coisa. E o que eles significam é um esboço formal. Ambos são usados para estátuas, que obviamente são destinadas a se assemelhar ao original.

Reis no antigo Oriente Próximo, os mesmos termos aparecem no antigo Oriente Próximo. Reis falam sobre estátuas sendo feitas deles mesmos, imagens ou semelhanças. E então uma pessoa nos dias de Moisés ou depois no mundo antigo que leu Gênesis 1.26 naturalmente pensaria, bem, que Deus está dizendo que ele vai fazer os seres humanos terem a mesma forma que ele tem.

Gênesis 5:1 a 3 faz um paralelo dessas coisas porque começa falando sobre como Deus fez Adão à sua imagem e semelhança. E então você lê que quando Adão viveu 130 anos, ele teve um filho à sua própria semelhança, à sua própria imagem, nas mesmas palavras, e ele o chamou de Sete. Claramente, o filho de Adão tinha a mesma forma que ele.

Ele tinha cabeça, ombros, tronco, braços e assim por diante. E então, como veremos na Bíblia, explore isso um pouco mais tarde: sempre que o Senhor aparece em uma gloriosa teofania e é descrito em qualquer extensão, ele tem uma forma humana. E não há contradição.

Alguém dirá, bem, mas Deus é espírito. Isso não significa que ele não possa ter uma forma. O Cristo ressuscitado tem um corpo glorificado, mas ele também é um espírito que dá vida.

Ele também é onipresente. Então, essas coisas não são inerentemente contraditórias, embora superficialmente possam parecer. Mas exploraremos tudo isso.

E quanto à criação de Deus, então, quando ela realmente acontece, do homem e da mulher? Isso é estabelecido na poesia hebraica para nós. Esta é a primeira poesia hebraica na Bíblia. E, incidentalmente, às vezes você lerá comentaristas ou autores de estudos bíblicos falando sobre Gênesis 1 como poesia.

Isso é verdade apenas em um sentido muito figurado. A poesia hebraica é uma coisa muito particular. É um gênero.

Ele tem regras. Aqui está o primeiro exemplo. Podemos dizer, por exemplo, que um pôr do sol é poético.

Bem, você pode dizer que Gênesis 1 é poético nesse sentido. É obviamente uma prosa elevada. É magnificamente estruturado.

Mas não é poesia no sentido técnico. Mas essa poesia é criada, eu acho, para nos mostrar algo. Então, se olharmos para o diagrama somente em inglês aqui, tradução, Deus criou o Adão, o terráqueo.

Adão significa terra ou solo. Ele criou Adão à sua imagem. À imagem de Deus, ele o criou.

Macho e fêmea, ele os criou. Os A's, B's e C's são feitos para mostrar os elementos paralelos. Então, Deus criou.

Na segunda linha, ele criou. Na terceira linha, ele criou. Deus criou o quê? O objeto direto é Adão, o homem.

Na segunda linha, Deus o criou. Na terceira linha, Deus os criou. Bem, isso deixa o elemento C.

Eu uso os primos como uma forma de mostrar que esses são elementos paralelos, mas não são exatamente as mesmas palavras. Isso é apenas uma convenção na diagramação da poesia hebraica. A terceira linha, ele os criou.

Nós cuidamos disso. Bem, e quanto a masculino e feminino? Se vai haver um elemento C na terceira linha para fazer paralelo aos outros C's, vai ser masculino e feminino. E acho que somos convidados a entender que esse é o caso.

Então, este poema é criado para nos dizer, eu acredito, que Deus criou o homem e a mulher à sua imagem, à imagem de Deus. Então, tanto homens quanto mulheres são criados à imagem de Deus. Bem, quais são as implicações disso? Tanto homens quanto mulheres mostram a imagem.

Ou seja, nos termos sobre os quais estávamos falando, o que os termos significam? Basicamente, eles mostram o esboço. Agora, muitas outras coisas provavelmente estariam implícitas ali. Certamente, a capacidade de se comunicar, de entender, como Deus faz, porque ele lhes diz coisas e eles as entendem.

A habilidade de governar como ele governa. Eles vão governar a terra como vassalos, se preferir. Rei e rainha vassalos.

No entanto, qualquer diferenciação entre os papéis do masculino e do feminino não é abordada aqui. Nem está implícita. Então é importante entender isso.

Este poema nos dá muita informação, mas há muita coisa que ele não nos dá. Ele não nos conta sobre seus papéis. Você tem questões de papéis abordadas no próximo versículo, em Gênesis 1.28, quando Deus os abençoa e diz a eles, sejam frutíferos e aumentem em número, encham a terra e a subjuguem, dominem sobre os peixes, e assim por diante.

Agora, as diferenças de papéis são abordadas aí? Bem, de uma forma pequena. Alguém pode não considerar muito pequeno. Elas serão frutíferas.

E a biologia humana, nós achamos, não mudou tanto que não possamos entender isso. Há uma diferença entre os papéis do homem e da mulher na produção, gestação e parto de uma criança. Então, sabemos que há alguma diferenciação de papéis aí.

Mas isso é tudo o que nos diz. Presumivelmente, nos estágios mais avançados da gravidez, a mulher não teria sido capaz de fazer certas coisas em termos de subjugar a terra que ela poderia ter feito antes. Mas não podemos especular sobre isso.

Mas acho que é importante no começo, nesses primeiros capítulos, sermos muito rigorosos conosco mesmos sobre os limites das evidências. Muitas pessoas querem

ver a igualdade desse ponto de vista igualitário. Há outras coisas nesses primeiros capítulos que as pessoas querem ver como indicação de um relacionamento hierárquico no casamento ou uma visão complementar.

E eu diria que em todos esses materiais antigos, você tem muita ambiguidade, muita incerteza. E então, eu acho que as respostas para perguntas como essa estão no Novo Testamento, onde você obtém a articulação mais completa da revelação de Deus sobre todos os tipos de coisas. E, claro, os estudiosos discordam sobre essas questões também.

Mas acho que é importante sermos rigorosos conosco aqui por uma questão de honestidade e integridade intelectual. Às vezes, uso o exemplo de Gordon Conwell, onde ensino, e digo, suponha que lhe digam que os curadores de Gordon Conwell disseram a Haddon Robinson e Alan Matthews, Alice Matthews, que deram a Haddon e Alice o mandato para administrar Gordon Conwell. Haddon Robinson foi o presidente de Gordon Conwell por um tempo.

E Alice Matthews era sua reitora. Mas suponha que isso não lhe seja dito. Bem, se lhe dissessem apenas que os curadores tinham dado a eles o mandato de administrar Gordon Conwell, de governar Gordon Conwell, se você quisesse, em termos de Gênesis 1:28, você saberia que há alguma diferença em seus papéis? E a resposta, eu acho, tem que ser, é claro, você não saberia.

Tendo mais informações, nesse caso, sabemos que um era presidente e um era reitor. Então, um tinha um cargo mais alto, e assim por diante. Mas Gênesis 128, é tudo o que nos dá.

E eu acho que temos que ser honestos sobre isso. Certo. Está claro em Gênesis 128 que a função real é atribuída a ambos.

Ambos vão governar. A função cultural é atribuída a ambos. Eles vão subjugar a terra e assim por diante.

A diferenciação de papéis não é declarada, como acabamos de dizer, exceto para a questão de pai e mãe. Há muito tempo se pensa e se entende, e eu acho que corretamente, que em Gênesis 2, que, como dissemos, expande o que aprendemos em Gênesis 1 em termos do relacionamento de aliança, Yahweh Deus tomou Adão, o terrestre, plantou-o no Jardim do Éden para trabalhar nele e servi-lo e trabalhar ou servi-lo e mantê-lo. O verbo trabalhar, avad , ponto A ali, é usado para o serviço levítico no tabernáculo, assim como o verbo shamar , ponto B. Então a implicação de uma função sacerdotal foi entendida.

Isso, é claro, carregaria consigo a ideia de que o Éden foi o primeiro templo. E acho que há evidências disso, que veremos. Neste ponto, pensamos em um templo como um edifício.

Mas um templo no mundo antigo significava simplesmente um lugar onde o Deus habitava. A forma mais antiga que temos em sumério significa literalmente uma casa grande. E a palavra hebraica para templo é apenas uma transliteração disso.

É por isso que os estudantes que estão em hebraico aprenderão que essa palavra, hekal, pode significar um palácio ou um templo. Então, o rei é um rei, ele tem um palácio, um hekal, ele tem uma casa grande. Deus é Deus; ele tem uma casa grande também, um templo.

Mas o ponto é que um templo no mundo antigo era uma residência. É assim que o tabernáculo poderia ser, com efeito, o templo. É assim que podemos ser chamados de templos.

Não somos feitos com blocos de pedra e vigas e assim por diante, mas somos uma residência. Somos um lugar onde Deus, o Espírito Santo, reside. Então, as indicações seriam então que eles tinham um papel sacerdotal ou papéis sacerdotais no jardim, quaisquer que fossem.

Não nos é dito, realmente, além de trabalhar e mantê-lo. E isso significaria que esse era um lugar onde Deus também ficava, onde ele residia. Uma vez vi um pôster que dizia que o plano original de Deus era ficar em um jardim com dois vegetarianos nus.

Não sei como isso teria parecido, mas as indicações são de que Deus residia ali, não necessariamente que ele sempre foi visível ali. Outro papel é o profético. Eles ouvem de Deus.

Isso é claramente algo profético. Adão, como argumentamos, é um mediador da aliança. Se há uma aliança adâmica, então Adão é o mediador dela.

E como mediador, ele é um mediador dessa aliança para toda a sua descendência, com todas as suas implicações, infelizmente. Então Paulo pode dizer que em Adão, todos morrem. Mas então no segundo Adão, todos serão vivificados.

E as implicações em termos da nossa vida diária também não são tão grandes. Assim como o pecado entrou no mundo por meio de um homem e a morte pelo pecado, e dessa forma, a morte veio a todas as pessoas porque todos pecaram, e assim por diante. E podemos falar mais sobre isso mais tarde quando falarmos sobre a nova aliança, a morte reinando do tempo de Adão ao tempo de Moisés, e assim por diante.

Mas o pecado está no mundo por causa do pecado do mediador da aliança, sem dúvida. E então, como falamos brevemente, discutiremos o paralelo do segundo Adão. O primeiro homem, Adão, tornou-se um ser vivo.

O último é Adão, um espírito que dá vida. Bem, se o último Adão foi um mediador da aliança, não seria surpresa se o primeiro Adão fosse um mediador da aliança antes dele. Há também o aspecto ético ou moral da Imago Dei.

E temos as estipulações sobre as quais falamos, e a quebra da aliança sobre a qual falamos também. E então, o ponto aqui é que feito à imagem de Deus antes da queda, o homem e sua esposa eram seres moralmente perfeitos. Eles eram sem pecado.

Um escritor puritano dos séculos XVI e XVIII criou essa estrutura, que é bem útil, eu acho. O homem antes da queda, capaz de pecar. Sim, ele podia pecar, e sabemos que ele podia porque ele pecou.

Mas ele também foi capaz de não pecar, o que, infelizmente, ele não continuou. O homem pós-queda, certamente é capaz de pecar. Incapaz de não pecar, e eu levanto uma questão sobre isso, que veremos em um momento.

Acho que a intenção de Thomas Boston ali era dizer que você pode viver uma vida e não pecar de certas maneiras, mas você não pode viver uma vida sem pecar de forma alguma. Acho que é isso que ele quis dizer porque claramente, porém, somos capazes de viver e não pecar o tempo todo, certamente, especialmente com o Espírito Santo. Mas de qualquer forma, o homem renascido é capaz de pecar, capaz de não pecar, e todos nós sabemos disso.

Homem glorificado, pelo qual ansiamos quando o vemos, seremos como ele. Seremos capazes de não pecar, e seremos, aparentemente, incapazes de pecar. Bem, e quanto a incapazes de não pecar? Eu preferiria não dividir os infinitivos como ele fez, mas Romanos 7, você tem o homem sob a lei, e nós veremos isso, mas eu acho que é isso que realmente está acontecendo lá.

Paulo não está se descrevendo como um cristão. Ele está descrevendo como era estar sob a lei sem o Espírito, e ele sabia disso muito bem. Mas em Gênesis 4.24, lemos que Enoque andou com Deus, e ele não estava mais, pois Deus o levou.

Bem, andar com Deus é uma declaração bem poderosa. Ele deve ter tido alguma bondade nele. Houve algumas vezes em que ele não estava pecando.

Gênesis 7, o Senhor diz a Noé, entre na arca, você e toda a sua casa. Eu vi que você é justo diante de mim nesta geração. Então, novamente, Noé era justo.

Não é que ele não tivesse pecado, mas ele, para ser justo, é. Este é outro tópico, mas vou apenas dar um esboço resumido aqui. Retidão, a definição básica de retidão, é conformidade com um padrão. Biblicamente, o único padrão que conta é Deus, e então se uma pessoa é justa no Antigo Testamento ou no Novo, essa pessoa está se conformando com o padrão do ser e fazer de Deus em qualquer extensão que talvez ele possa, ou ela possa, sob qualquer aliança e grau de revelação que ele ou ela esteja vivendo.

Jesus Cristo fez isso perfeitamente. É por isso que ele é chamado de Jesus Cristo, o justo. E então, quando Noé é justo, ele é chamado de justo, o que significa que, até certo ponto, ele era do jeito que Deus gostaria que uma pessoa fosse.

Não perfeitamente, mas então ele teria algumas dessas qualidades de Deus. Ele teria alguma bondade; ele teria alguma sabedoria; ele teria algum amor; ele teria paciência e assim por diante, fidelidade e assim por diante. Então, o longo e o curto disso é que as pessoas depois da queda, mas antes que Cristo pudesse ter alguma bondade nelas, poderiam ter alguma justiça sobre elas, o que significava então eu acho que na maneira como viviam, elas não estavam sempre pecando o tempo todo.

Podemos lembrar que Jesus diz, você sabe, que o Pai faz seu filho brilhar sobre os justos e os injustos e que sua chuva cai sobre os bons e os maus. Então, havia pessoas justas e boas por aí. Paulo diz em Romanos 5 que, você sabe, seria difícil morrer por uma pessoa justa, mas suponho que por um homem bom, alguém pode até ousar morrer.

Presumivelmente, ele está falando sobre pessoas sob graça comum. Então, é claro, ele segue com, mas você sabe, Cristo fez isso por nós. Ele morreu por nós e pelos injustos.

Então, há pessoas boas por aí, e isso deve significar que elas não estavam pecando o tempo todo. Há diferentes maneiras, se voltarmos à visão maior da Aliança Adâmica aqui, há diferentes maneiras de olhar para a Aliança Adâmica estruturalmente. Argumentamos que ela tem os elementos de um tratado do segundo milênio.

Meredith Klein, minha antiga mentora, produziu o que é chamado de hipótese da estrutura, e eu acho que é uma expressão muito boa de olhar para o que está acontecendo em Gênesis 1 de outra maneira. E isso remonta a Agostinho. Agostinho sentiu esse equilíbrio de dias.

O estudioso crítico SR Driver, no final do século XIX, viu isso e falou sobre isso em termos de dias de forma e plenitude. Mas Klein, eu acho, foi o único que penetrou mais profundamente e viu que há questões de autoridade aqui. E então ele falou sobre os três primeiros dias como domínios criados e os três seguintes como dias em que os reis-criaturas, as coisas que governariam esses domínios, foram criados.

E isso não é arbitrário. Lemos sobre o quarto dia que Deus criou a luz maior para governar o dia e a luz menor para governar a noite. E, claro, o homem e a mulher para governar a terra.

E alguém pode implicar ou imputar a mesma coisa às criaturas marinhas e aos pássaros. Podemos até usar hoje a expressão os pássaros governam o ar. Então há autoridade envolvida aí.

E então há o dia de sábado. Outras indicações de autoridade na passagem, incidentalmente, e isso foi notado há algum tempo pelo estudioso judeu do antigo Oriente Próximo, Umberto Cassuto, em seu livro, *Biblical and Oriental Studies*, que há muito cumprimento de comando acontecendo em Gênesis 1 e na Bíblia, de fato, para esse assunto. Mas o padrão de cumprimento de comando é assim, e é encontrado nas inscrições do antigo Oriente Próximo também.

No terceiro milênio e no segundo milênio. No ministério de Jesus em Mateus 8, quando o centurião vem até ele, ele quer que seu servo seja curado. E Jesus está preparado para ir e curá-lo.

Mas o centurião diz, não, eu não sou digno de que você venha para debaixo do meu teto, mas apenas diga a palavra e meu servo será curado porque eu sou um homem sob autoridade, e tenho aqueles sob mim. Eu digo a este, vá, e ele vai, ordene o cumprimento. Para este, venha, e ele vem, ordene o cumprimento.

Para este, faça, e ele faz, comando de cumprimento. A razão para o padrão ou o que ele pretende mostrar é que a autoridade daquele que dá o comando é tal que o que essa pessoa comanda tem que ser obedecido à risca e tem que ser cumprido exatamente como foi dito. E então Gênesis 1 está cheio disso.

E assim, além do que vemos com uma representação de estrutura da passagem, temos isso indicando que há muita autoridade acontecendo. Isso faz todo o sentido se considerarmos que tudo isso é sobre Deus, e ele é a fonte de toda autoridade. Então a autoridade divina, toda autoridade, reside em Deus porque ele é o criador.

Ele concede essa autoridade aos humanos também. A autoridade humana, portanto, vem de Deus e faz parte de ser feito à imagem de Deus. E isso então é uma questão de autoridade individual, e vemos isso mais tarde no Novo Testamento quando João diz, João Batista, quando seus discípulos reclamam, ei, olha, todo mundo, eles não estão mais vindo a você, eles estão indo a Jesus.

E João diz, bem, um homem pode receber somente o que lhe é dado do céu. Paulo em Romanos 13 diz, todos devem se submeter às autoridades governamentais, pois não há autoridade exceto aquela que Deus estabeleceu. E falaremos mais sobre isso,

mas é um princípio bíblico claramente articulado, essa coisa de autoridade vinda de Deus.

Bem, quaisquer que sejam os dias, a questão é claro, bem, o que são esses dias? São dias de 24 horas ou o quê? Uma questão de longa data. Quaisquer que sejam, eles certamente ordenam o progresso da criação, mesmo pela hipótese da estrutura, eles dão a ela uma estrutura. E a presença de tal ordem implica ou expressa uma autoridade que produziu a ordem.

Autoridade é fundamental para a nova criação também. A todos que o receberam, João nos conta, aos que creram em seu nome, ele deu a autoridade de se tornarem filhos de Deus. Como veremos, esse termo em João e Romanos 13 em grego é o mesmo termo, e por isso é corretamente traduzido da mesma maneira.

Bem, ok, mas e as interpretações do dia então? Você não pode falar sobre Gênesis 1 e não falar sobre isso. Bem, o dia literal de 24 horas certamente parece levar o texto ao pé da letra. Kiel e Delitzsch são dois estudiosos alemães que, no século XIX, viram o surgimento da alta crítica, que basicamente desmantelava o Antigo Testamento, não acreditando que Deus fez nada disso, até mesmo questionando se alguma vez houve um Moisés, e assim por diante.

Eles disseram, olha, precisamos produzir um comentário sobre todo o Antigo Testamento que acredite e leve a sério, e assim eles fizeram. Bem, e os dias? A proposta deles era que os dias ficavam mais curtos à medida que a recém-formada Terra começava a girar mais rapidamente, o que pode soar como uma proposta muito estranha, mas essa é uma proposta que está por aí. O tempo ocupado nas primeiras rotações da Terra sobre seu eixo não pode de fato ser medido por nossa ampulheta, mas mesmo que fossem mais lentas no início e não atingissem sua velocidade atual até a conclusão de nosso sistema solar, isso não faria nenhuma diferença essencial entre os três primeiros dias e os três últimos, que eram regulados pelo nascer e pôr do sol.

Isso é realmente inconsistente com a entropia. Sabemos que as coisas tendem a perder energia e desacelerar, e então até mesmo o universo está se expandindo em uma taxa mais lenta, detectavelmente, mas de qualquer forma, essa era a proposta deles. E então, bem, mas e o sol sendo criado no quarto dia? Bem, os três primeiros dias não foram. A luz dos três primeiros dias não foi feita pelo sol, que ainda não foi criado, mas eles ainda eram dias causados pela luz que Deus havia criado.

Então, por que alguém faria isso? Bem, eu acho, como veremos com outras visões dos dias, algumas dessas propostas surgiram porque, como a geologia estava indicando uma idade muito antiga para a Terra, alguma explicação dos dias em Gênesis 1 tinha que ser produzida que os tornaria consistentes com o que a geologia estava indicando. Se continuarmos nessa linha, olhamos para o estudioso alemão

Gerhard von Raad, que leva isso muito literalmente. Ele diz que o que é dito aqui pretende ser verdade inteiramente e exatamente como está.

Em nenhum lugar o texto é apenas elusivo, simbólico ou figurativamente poético. Von Rad, no entanto, não acreditava que houvesse uma criação literal no sexto dia. Em vez disso, ele pensou que era isso que o texto está nos dizendo.

E esta é a maneira como o escritor sacerdotal que produziu este texto, não Moisés, o escritor sacerdotal escrevendo por volta de 570 a.C., é a maneira como ele viu, a maneira como ele queria retratá-lo. E não podemos entrar em críticas mais elevadas neste curso. Esse é um assunto totalmente diferente.

Mas essa era a visão. SR Driver argumentou que a passagem também era do escritor Priestly. E então outra visão sobre a coisa individual de 24 horas por dia foi produzida por GH Pember, que não era um acadêmico liberal, mas ele produziu isso em conexão com a teoria da lacuna, que veremos em breve.

Ele foi seguido por Schofield com sua referência à Bíblia e a Harry Rimmer. E as pessoas hoje, é claro, ainda afirmam a interpretação de 24 horas. Outra interpretação é a interpretação dia-era ou dia-época, que frequentemente apela ao Salmo 90.

Mil anos aos seus olhos são apenas como o ontem que passou ou como uma vigília na noite. E essa abordagem, como outras, que vamos analisar aqui, busca conformar o relato bíblico com o registro geológico, como dissemos. E aí você tem alguns expoentes disso.

Até Driver estava disposto a levar essas coisas um pouco figurativamente, como ele escreveu em 1886. Mas ele mudou dessa visão para a visão de que é o escritor Priestly, e são dias de 24 horas. Mas em um ponto, ele disse, apesar da tarde e da manhã, que pareciam implicar dias literais, a suposição de que o narrador quis dizer seu dia como uma representação figurativa de períodos não deveria, como o presente escritor se aventura a pensar, ser considerada inadmissível.

Você estará ciente, conforme avançamos, de que esta é apenas uma visão geral. Este é um esboço de diferentes visões principais destes dias. Não é algo que vamos resolver aqui.

Embora eu diga que acho que a maneira de Klein lidar com isso é a melhor. Mas podemos falar sobre isso em alguns minutos. Outra visão é a dos dias de Deus sem nenhuma analogia humana.

Agostinho propôs essa origem aproximadamente um pouco antes de Agostinho, na verdade, em seu livro sobre coisas principais, primeiras coisas. Então é isso. Se são

dias de Deus sem nenhuma analogia humana, bem, não conseguimos entender o quanto longos eles podem ter sido.

Outra visão é que os dias em Gênesis 1 são dias pictóricos. De acordo com essa abordagem, os avisos sobre os dias indicam os dias sucessivos nos quais Deus revelou a Adão como ele havia criado o mundo. Ele fez isso por visão ou por comunicação verbal.

Algumas pessoas escolheram essa visão. Essa é uma maneira conveniente de evitar o problema de um dia de 24 horas parecer entrar em conflito com o registro geológico. Mas não há nada no relato que sugira que isso esteja sendo usado, que as expressões dia e noite estejam sendo usadas dessa forma.

Não há nada ali que diga algo sobre Deus dizendo essas coisas a Adão em dias diferentes. Mas este pode ser um bom exemplo de como os estudiosos podem simplesmente importar para um texto o que eles querem se eles acham que isso resolve um problema. Mas você quer ser rigoroso e se ater à evidência, mesmo que se ater à evidência signifique que você não tem evidência suficiente para chegar a uma conclusão da qual você pode ter certeza.

Bem, outra abordagem aqui é considerar que esse negócio do dia é um recurso literário para comunicar efetivamente o poder e a soberania de Deus ao retratar a criação em uma mera semana. Então, você sabe, Deus é tão poderoso que poderia ter feito isso em seis dias. Não estamos dizendo que ele fez.

Bem, e quanto à objeção de que o termo parece significar dias literais? E Kidner argumenta que, bem, é um uso inspirado, então significava mais do que dizia. Bem, e quanto à objeção de que Deus está mentindo? Não, ele não está mentindo. Ele está se comunicando conosco em um nível que podemos entender.

Acho isso um pouco problemático, mas acho que há uma maneira melhor de lidar com isso. Gordon Wenham, em seu comentário de Gênesis, é um conjunto de dois volumes de comentários bíblicos de palavras. Eu recomendaria isso fortemente, aliás.

Eu diria que se você for comprar um comentário de Gênesis, esse ainda seria o melhor para comprar. Mas ele diz que esse esquema de seis dias é um dos vários meios empregados no capítulo para enfatizar o sistema em ordem que foi construído na criação. Outros dispositivos incluem o uso de fórmulas repetidas, inclusio e assim por diante.

Bem, o fato de haver outros recursos literários não significa necessariamente que este seja um recurso literário, mas esta é uma interpretação vaga, com certeza, e foi adotada por acadêmicos liberais e conservadores. Já havíamos mencionado a teoria

do intervalo antes em conexão com Scofield e outros. E só para deixar claro sobre isso, a teoria do intervalo termina com seis dias de 24 horas.

Mas a maneira como ele faz isso é dizer que, bem, em Gênesis 1-1, quando lemos que Deus criou os céus e a terra, foi isso. Em Gênesis 1-1, tudo foi feito, e foi perfeito. Mas então o mundo foi entregue a Lúcifer, que conduziu a adoração do templo de Deus localizado no jardim mineral do Éden.

E diga, ok, de onde no mundo ele está tirando isso? Bem, em Ezequiel 28-13, lemos a declaração sobre o Príncipe de Tiro, mas isso há muito tempo é pensado, e eu acho que corretamente, para ser uma espécie de figura para um poder maior e maligno, Satanás, diz, você estava no Éden. Você era um querubim. Você era perfeito antes que o pecado fosse encontrado em você, e você andou entre as pedras de fogo.

Então é daí que vem o jardim mineral do Éden e Lúcifer conduzindo a adoração. Bem, a condição exaltada de Lúcifer era demais para ele, e ele caiu, e o julgamento foi passado sobre eles. E você vê o julgamento sendo passado sobre essa figura em Ezequiel 28, mas então isso também é estendido e dito, bem, é passado sobre ele e seus aliados e também sobre a terra.

E então, a Terra foi meio que destruída, e fez uma bagunça. Alguns argumentam que a feiura dos dinossauros e os leitos fósseis são evidências de um julgamento pelo pecado, o julgamento que foi passado para a Terra. Bem, então, depois de um longo tempo, por volta de 4000 a.C., Deus recondicionou a Terra em dias de 624 horas.

E então, o que temos então, de acordo com essa teoria, é Gênesis 1:1, Deus criou os céus e a terra, criação perfeita. E então você tem uma lacuna. Você tem a rebelião de Satanás e o julgamento que vem sobre a terra, e como resultado disso, você tem a terra por um longo tempo sendo sem forma e vazia em Gênesis 1:2. E então, eventualmente, Deus recondiciona a terra.

Há um apelo feito a Isaías 45 aqui, Deus não criou o Tohu. E, claro, acho que a resposta seria, bem, sim, Deus não criou a terra em Tohu, mas não nos é dito que ele o fez. Somos informados de que as coisas eram sem forma e vazias como parte de um processo, eu acredito.

É isso que isso está indicando, não que ele criou para ser assim. Mas então há também a alegação de que a declaração de que a terra era sem forma e vazia deveria ser traduzida, a terra se tornou sem forma e vazia, mas não há como em termos de uso hebraico que essa seria a tradução que você esperaria. Há uma expressão idiomática hebraica diferente usada para se tornar, e não é o que você encontra em Gênesis 1:2. Então, expoentes disso, e ainda há pessoas que se apegam a isso.

Bem, ok, isso é apenas uma revisão dos dias. Se olharmos para a dinâmica aqui da criação e o que está acontecendo, eu proporia isso. Isso é algo que informa a teologia bíblica de três volumes à qual aludi aqui.

Eu o chamei muito modestamente de paradigma principal. Mas como chegamos a ele? Porque é um paradigma que articula, eu acredito, a maneira como Deus trabalha em sua criação de aliança por toda a Bíblia. Bem, ele cria o que eu chamaria de dinâmica profética.

E assim, em Gênesis 1:2, sabemos que o Espírito Santo está presente. O Espírito de Deus está pairando sobre o abismo. Em João 1, sabemos que a Palavra está envolvida na criação.

Então, temos o Espírito e a Palavra envolvidos na criação. É aí que começamos. Se olharmos para o relato da criação e o relato do batismo, há um paralelo interessante.

Você tem o Espírito de Deus pairando sobre as águas. Você tem o Espírito de Deus descendo sobre Jesus quando ele sai das águas. E então, essas coisas se relacionam de alguma forma? E eu me lembro de pensar sobre isso anos atrás.

Fui convidado por um dos nossos formandos, que era o reitor da Caribbean Graduate School of Theology em Kingston, Jamaica, para ir até lá e ensinar teologia do Antigo Testamento em janeiro. Ele me ligou no verão. Como você pode imaginar, quando o convite veio para estar em janeiro na Jamaica, a convicção do Espírito Santo caiu sobre mim, e aceitei a oferta.

Foi uma época muito boa. Eu dava aulas à noite. E então, de manhã, quando faz 80 graus, eu deitava no sol.

E então eu ia e olhava minhas anotações de aula. E eu estava olhando para Gênesis 1:2 e pensando, o que realmente está acontecendo aqui? Meredith Kline, em seus escritos, gosta de pensar no Espírito como uma testemunha da aliança. Eu acho que Gênesis 1:31 fornece um testemunho melhor.

Deus vê tudo, e ele diz que é bom. Mas sabemos que o Espírito está envolvido, e em João 1, a Palavra está envolvida. E eu pensei, e se tomarmos o ministério da Palavra encarnada como um paradigma e sugerirmos que algo paralelo a isso estava acontecendo com a Palavra pré-encarnada? Sabemos que todas as coisas foram criadas por meio dessa Palavra pré-encarnada.

E então, foi isso que eu inventei. Sabemos que através do Verbo encarnado, no Verbo encarnado, nesse caso, o Espírito opera através do Verbo encarnado para produzir as obras do reino e palavras de poder. Isso também deve ser entendido, incidentalmente, sobre o ministério de Jesus.

Tudo o que Jesus fez foi pelo Espírito. Ele disse, as palavras que eu falo são as palavras que o Pai me dá, e as palavras que eu falo a vocês são Espírito, João 6:63. Quando ele expulsava demônios, isso era pelo Espírito, e quando ele curava, sabemos que era pelo Espírito porque a cura é um dom do Espírito.

Então, é muito o Espírito trabalhando através da Palavra para produzir as obras que vimos com o Filho encarnado. Aliás, acho que talvez a maneira como eu entenderia isso sobre o Espírito é que, se eu pudesse colocar dessa forma, falando sobre o Deus trino, o quanto você pode realmente entender sobre o que acontece nele? Mas Paulo diz que ninguém conhece um homem como o Espírito do homem, e assim é com o Espírito de Deus. Ele busca as coisas profundas de Deus.

Eu acho que o Espírito Santo é, em certo sentido, Deus em seu mais íntimo. E então, se você pecar contra o Espírito, esse é o pecado imperdoável sobre o qual você lê em Marcos 3, porque ele está expulsando demônios pelo Espírito, e eles dizem, bem, é pelo Príncipe dos Demônios, e Jesus os avisa. Existe qualquer pecado que uma pessoa comete, até mesmo blasfêmia contra o Pai ou o Filho, que pode ser cometido, mas há um pecado contra o Espírito que não pode ser perdoado nesta era ou na era vindoura.

E eu acho que é por isso. Mas, em todo caso, esse é o paradigma aqui. É o Espírito trabalhando através do Filho para produzir as coisas do reino.

A proposta é então que, no relato da criação, o Espírito estava trabalhando através do Verbo pré-encarnado para produzir aquelas palavras e obras do reino. Então, quando lemos, que haja luz, essas palavras, eu proporia, são Espírito, eram Espírito. Assim como Jesus disse, minhas palavras são Espírito, com S maiúsculo. Então, o Espírito, no relato da criação, estava trabalhando através do Filho pré-encarnado para produzir as palavras que fizeram a criação.

O Espírito é aquele que fez as coisas nesse sentido. Bem, trabalhando nessa base, propomos isso, olhando para antes da queda e depois da queda. O Pai faz com que o Espírito trabalhe por meio da Palavra pré-encarnada para fazer a obra do reino.

Se olharmos para esta parte aqui, o Verbo encarnado foi a base para esta proposta. O Pai faz com que o Espírito trabalhe através do Verbo encarnado para fazer a obra do reino. Sabemos que agora o Pai e o Filho enviam o Espírito para trabalhar na igreja e através dela para fazer a obra do reino.

E, sem dúvida, durante o, digamos, período da antiga aliança, quando isso estava operando, ou mesmo antes, com Noé ou com Abraão, o Pai e o Filho estavam fazendo o Espírito trabalhar por meio de um profeta para fazer a obra do reino. Esse paradigma simples parece fazer sentido. As partes sobre o Verbo encarnado, a igreja

e eu acho que também os profetas do Antigo Testamento são bonitas; acho que todos nós poderíamos concordar com elas.

O que está aberto à questão é, bem, é essa a dinâmica que estava acontecendo na criação? Acho que há uma indicação de que esse é o caso. Certamente, se for verdade, Deus é mostrado como muito consistente na maneira como escolhe trabalhar. Daí o paradigma principal com o qual encerraremos esta primeira palestra.

Deus opera por seu Espírito através da Palavra, uma figura de profeta, para guerrear e derrotar seus inimigos. Mas isso, é claro, só seria depois da queda porque não havia inimigos antes da queda. Então, ele estabelece uma aliança com um povo onde há pessoas.

Às vezes, é apenas inicialmente uma pessoa e uma família, como no caso de Noé, e depois mais algumas pessoas com Abraão. Mas essa aliança estabeleceu esses parceiros da aliança, vassalos, como o povo de Deus. E novamente, quando os tempos são certos para isso, ele estabelece um templo entre eles.

Então, na aliança original, teria sido o Éden. E com a aliança Mosaica, teria sido o tabernáculo e o templo. E com a nova aliança, seríamos nós, porque ele quer residir entre nós.

Vamos parar com isso.

Este é o Dr. Jeffrey Niehaus em seu ensinamento sobre Teologia Bíblica. Esta é a sessão 1, Aliança Adâmica, Parte 1.